



## Eu Poético na Construção da Infância

Rui Pires Marques Veloso\*

Serão os poetas uns patetas que vivem num mundo diferente, perfeitamente desfasados desta sociedade competitiva que não tem tempo para ler nem para ouvir textos que não se insiram nos campos da tecnologia ou da economia? Estaremos nós a preparar as crianças para um mundo que pouco ou nada tem a ver com a brutalidade do real que as vai envolver? Muitos de nós já se questionaram, especialmente quando assistimos a determinados programas televisivos de pendor cretinizante ou quando nos surpreendemos com a qualidade dos textos de canções que ocupam os "top" do nosso meio musical.

Não creio que a comunicação poética esteja moribunda; em momentos de profunda desorientação, as sociedades procuram portos de abrigo que lhes dêem uma certa sensação de segurança e motivos para acreditar no futuro. As palavras vêm até nós para nos falar do mundo, seja ele aquela teia de contraditórias verdades que nos submergem, não nos deixando respirar e pensar, seja o nosso mundo interior com todas as emoções e fantasias que magicamente nos lançam para universos imprevistos. A dimensão humana pressupõe que o *homo estheticus* permaneça nos múltiplos actos do quotidiano, porque só assim cada um de nós será capaz de olhar a realidade com uma capacidade de compreensão totalmente diferente daquela que o materialismo das relações habitualmente gera. Quem já não tem capacidade para se emocionar com a beleza das palavras, como das cores, dos volumes, das formas, dos ritmos, das harmonias, está perdido, porque não possui aquilo que torna o homem um ser diferente - a sua humanidade. A poesia liberta-nos das amarras lançadas por um dia-a-dia rotineiro, desgastante e cinzento; tal como a pausa para um café pode constituir um magnífico momento de convívio, onde o sorriso e a palavra calorosa nos confortam e funcionam como um contraponto para o vazio de um trabalho tantas vezes automatizado, porque igual, também a poesia pode dar ao homem as pausas de que ele precisa para olhar para dentro de si, para olhar com outros olhos o que está em redor de si, para se encontrar consigo mesmo e com os outros. Não pretendo dizer que o coração tem de estar longe da razão; pelo contrário: a nossa inteligência, a nossa capacidade cognitiva, amplia-se pela visão múltimoda que o texto poético oferece, porque este supera os estreitos limites do real para nos oferecer uma janela aberta para a fantasia, para os territórios

\* Professor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

do imaginário, para a suprema harmonia do conhecimento. Mikel Dufrenne, com a lucidez de análise presente em todos os seus escritos filosóficos, afirma, a este propósito, que o *intelecto é demasiado autoritário: porque julga, decide do falso e do verdadeiro, e em tudo procura o verificável; mantém, pois, o pensamento num domínio em que os objectos possam ser submetidos aos princípios lógicos. (...) O sentido, em poesia, não é ordenado pela sintaxe, nem comandado pelo intelecto (...); o pensamento poético é capaz de sozinho comunicar com o incomunicável* \*.

Quando vimos ao mundo, todos nós trazemos, qual marca indelével, uma natural apetência para a poesia. Os ritmos naturais que, através do líquido amniótico, impressionam o sistema nervoso ainda em construção, tornam-nos seres extremamente sensíveis a tudo o que se apresente com uma cadência idêntica ou próxima. O bater do coração, a respiração e os passos da mãe vão oferecer ao nascituro o teatro do mundo que o aguarda. A verificação deste facto é fácil: basta observar como a criança com dias ou semanas de vida é receptiva aos ritmos binários em que assentam muitas canções de embalar. Jean Piaget e a sua equipa de investigadores apresentaram conclusões muito interessantes neste e noutros campos e ajudaram-nos a clarificar a estreita relação que se estabelece, desde o nascimento, entre o corpo da criança e o seu psiquismo. Parece-me ser indispensável sublinhar este ponto, antes de abordar a presença da poesia nos primeiros anos de vida da criança.

O acompanhamento dos meus alunos do Pré-escolar em situação de estágio exige-me, com frequência, a observação do trabalho que os profissionais deste sector desenvolvem em creches e jardins de infância. Não pretendo estabelecer generalizações, mas quinze anos de regular reflexão sobre as situações com que se confrontam os estagiários dão-me uma base relativamente sólida para a valorização do que considero correcto, ou seja, a adequada introdução da criança em ambientes poéticos capazes de contribuir para a construção do seu eu poético. Curiosamente, ou talvez não, encontro amas, sem qualquer formação escolar específica mas com um saber de experiência feito, naturalmente inclinadas à introdução de pequenos textos poéticos, concretizados em canções de embalar, em lengalengas e em toadas infantis, que fazem um trabalho muito interessante neste capítulo. Nos infantários, ou porque as auxiliares das educadoras não receberam formação específica, ou porque têm de desenvolver muitas outras tarefas diversificadas, constatamos um estranho silêncio por parte de quem deve acompanhar e cuidar dos mais pequeninos. E o que me impressiona mais é a não receptividade às sugestões que pontualmente são feitas, atitude que decorre, provavelmente, de uma formação científica lacunar ou de uma ausência de autoformação e/ou de formação contínua específicas. Valorizar somente o bem estar físico e psicológico

\* Mikel Dufrenne, *Le Poétique*, Paris, P.U.F., 1973, p.162.

da criança, ignorando uma vertente de extrema importância para a formação da sua personalidade e para a construção da sua sensibilidade, parece-me ser uma situação inaceitável. Um dos nomes mais importantes no campo da investigação da poesia para crianças, Georges Jean, também ele poeta com obra consagrada dentro e fora do seu país, chama a atenção para o facto de o discurso da poesia conter sempre (...) *elementos das primeiras manifestações fónicas e rítmicas anteriores à aquisição da linguagem\**. Ora, são aqueles textos onde o ritmo e os elementos melódicos predominam que a criança mais nova recebe com evidente agrado: o sorriso, a lalação, o movimento dos braços são a manifestação clara da sua recepção. Parafraseando a Bíblia, julgo que poderíamos dizer que *no princípio era o ritmo\*\**. Não estou a trazer nada de novo ao dizer que é preciso levar a poesia aos recém-nascidos. Mas é necessário insistir neste ponto. Uma harmoniosa integração neste mundo passa pelo envolvimento da criança num ambiente afectivo caloroso; e aí os ritmos matriciais são estruturantes e são fonte de equilíbrio. A voz tem efeitos tranquilizadores, se é doce, porque respeita aqueles ritmos; mas terá uma carga agressiva se os violentar. Um grito é altamente perturbador, mas uma canção de embalar, como esta que vos vou recordar, terá um efeito pacificador, se os ritmos, vocal e mímico, forem plenamente respeitados.

*Rodriguinho do campo,  
namoradinho,  
como vai lindo  
e requebradinho!  
Leva a canga,  
leva o arado,  
leva a menina  
do lenço encarnado!*

*- Rodriguinho,  
leva-me no carro!  
- Não posso agora,  
Que vou carregado.*

É mais do que evidente que nesta canção importa, acima de tudo, o ritmo. Se observarmos a reacção da criança, notaremos que a sua respiração abranda e o olhar mergulha numa doce hipnose. A natureza sonora das palavras permite uma *materialidade carnal* que dispensa perfeitamente a significação; no entanto, para quem a canta, associando-lhe o movimento das mãos, há um saborear dessa

\* Georges Jean et alii, *L'enfant et la poésie*, Paris, Armand Colin, 1985, p.19.

\*\* cf. Georges Jean, *La poésie*, Paris, Seuil, 1966, p.113.

materialidade, há um prazer gustativo que gera uma interessante cumplicidade que mais não é do que a vivência dos afectos. Esta canção de embalar constitui um exemplo, entre muitos, que o nosso património poético encerra. Todas as culturas têm numerosos exemplos deste tipo de composições poéticas. Num trabalho notável\*, premiado no estrangeiro - (refiro este facto para que todos os profissionais percebam que, por vezes, determinados estudos têm maior impacto fora das nossas fronteiras) - Maria José Costa explica e, naturalmente, valoriza a importância das rimas infantis, demonstrando que elas têm uma função psicológica, psicolinguística, sociológica e lúdica. Trata-se de uma área de investigação extremamente interessante, pouco explorada entre nós, que pode trazer importantes contributos para a compreensão da imensa receptividade que a criança manifesta relativamente ao património poético tradicional. Piaget sempre disse que o jogo era encarado pela criança como algo de muito sério; nós, adultos, inseridos em áreas profissionais ligadas, directa ou indirectamente, à infância, temos também de equacionar o lúdico de uma forma muito séria. Com efeito, a poesia para a infância oferece a este destinatário um prazer que resulta das associações de palavras, das deformações, das repetições pelo jogo, como foi reconhecido, há várias décadas, por Freud\*\*.

Reflictamos, então, em diversos aspectos que se prendem com a construção do eu poético da criança até à entrada para a escolaridade básica. Já falámos das canções de embalar e da importância dos ritmos, na vertente da recepção das crianças em idades que vão do post-nascimento aos primeiros anos. Para Jean-Paul Gourevitch *a lengalenga dá à linguagem habitual o brilho do novo, como o fazem os poetas que conscientemente tiram o pó à linguagem e reencontram as formas e os ritmos das palavras em liberdade. (...) Na criança, a alegria das palavras, escandida pelo elemento rítmico, é amplificada pelo prazer da repetição dos sons e principalmente pela procura da rima\*\*\*.*

A recepção da lengalenga prima pela espontaneidade, dada a carga afectiva que lhe anda associada; por isso, à medida que a criança vai amadurecendo e entrando no mundo dos adultos, o interesse por estas composições diminui, tal como diminui a intensidade da relação mágica que ela estabelece com as palavras.

Será altura de considerarmos as rimas infantis no acompanhamento do crescer da criança. Frequentar uma creche e um jardim de infância pode constituir uma excelente oportunidade para conviver com a poesia. Para que tal aconteça, considero ser fundamental que se verifiquem três condições: a professora, ciente do papel que a poesia desempenha na maturação da criança, fomenta quotidianamente, junto dos seus alunos, o convívio com a poesia tradicional ou de autor; a biblioteca dispõe de livros de poesia que a professora utiliza com frequência no seu trabalho;

\* Maria José Costa, *Um Continente Poético Esquecido - As Rimas Infantis*, Porto, Porto Editora, 1992.

\*\* Referido por Georges Jean, *op. cit.*, p.26.

\*\*\* Jean-Paul Gourevitch, *Les enfants et la poésie*, Paris, Éditions de l'École, 1969, p.26.

os jogos e outras actividades lúdicas encontram na poesia, em especial nas lengalengas, um excelente suporte ou complemento. Nas visitas que tenho realizado, constato que em numerosos casos só a terceira se verifica. Compreendo que é muito difícil transmitir o gosto pela poesia quando não se gosta de poesia. Mas há que aprender a gostar; aprende-se a gostar... até que ela se entranha em nós, dando-nos uma mundividência incomparável. Encontro, às vezes, nos jardins de infância, alguns exemplares da colecção *Lagarto Pintado* sem terem o aproveitamento que seria de desejar; ainda não consegui ver no seu acervo bibliográfico uma obra como *Eu Bem Vi Nascer o Sol*, de Alice Vieira, uma magnífica antologia da nossa poesia popular que é um instrumento de trabalho de utilidade indiscutível. Dois exemplos, que só pretendem ilustrar o que afirmei e, obviamente, não legitimam generalizações.

Ainda dentro das rimas infantis, merecem um lugar de destaque os trava-línguas. O prazer articulatório vem desde os primeiros meses de vida, quando a criança passa pelas fases do balbuceio, da lalação, da ecolalia até à utilização das palavras como meio de comunicação. O formigar que se sente nas cavidades supraglóticas, quando contrariamos a lei do menor esforço, produzido por sequências fónicas linguisticamente contraditórias, dá à criança um flagrante gozo, precisamente porque ela é muito sensível às sonoridades bizarras\*. Por outro lado, pode ainda surgir a possibilidade de confundir o interlocutor. Nos trava-línguas, o insucesso de os pronunciar conduz a criança a, inadvertidamente, proferir palavras sobre as quais pesa a reprovação, como nos diz Maria José Costa\*\*; estamos perante a situação lúdica que frequentemente encontramos nos jardins de infância. Novamente o primado do ritmo, a que se associa o nonsense, tão do gosto da criança, e o exercício linguístico que conduz a uma elasticidade articulatória indispensável a realizações futuras. Basta recordar, a título de exemplo, *um tigre, dois tigres, três tigres* ou *Fui à escola politécnica/aprender a politecnicar;/ estava lá o politécnico,/ não aprendi a politecnicar*.

A poesia de autor comunga de um acentuado desconhecimento dos responsáveis pela escolha dos livros a adquirir para a biblioteca das instituições ligadas ao Pré-escolar. O facto de a maior parte das livrarias se situar no litoral urbano não pode constituir desculpa para o desconhecimento do que se publica no campo da literatura infantil em geral e no da poesia para crianças em particular. As livrarias têm de ser espaços de visita obrigatória para os professores; só assim será possível escolher livros, recusando o comodismo da compra aos vendedores de livros ao domicílio, que, de uma maneira geral, não apresentam nada de interesse no capítulo da literatura infantil.

Autores como Matilde Rosa Araújo, António Torrado, Maria Alberta Menéres, José Jorge Letria, Mário Castrim, entre outros, aparecem raramente nas bibliotecas

\* Jean-Paul Gourevitch, *op. cit.*, p.74.

\*\* Maria José Costa, *op. cit.*, p.123.

meios de compreender a realidade graças à magia que encerram. Ao abordar o universo poético infantil, Gourevitch foca três factores que, em sua opinião, são constantes: *a originalidade da expressão das emoções, a originalidade da expressão do mundo e a integração do imaginário no real\**. Qualquer criança aprecia o modo como as palavras dão vida a tudo o que nomeiam; o respeito pelo código linguístico ou a sua subversão são caminhos que ela explora a seu bel-prazer. Os poetas que escrevem para as crianças, porque as conhecem e têm por elas um profundo respeito, trabalham a palavra na sua disponibilidade para a aventura e para o encontro com o mundo. *Sim, as palavras sonham efectivamente, reconhece Bachelard\*\**. A criança sai de um poema mais capaz de enfrentar o mundo que a rodeia, porque o sincretismo que a poesia lhe oferece condu-la a sínteses que a sua imaturidade cognitiva inviabilizaria. Recordemos esta verdade elementar que M. Dufrenne nos deixou - *A poesia fala do mundo. Está aí o seu verdadeiro assunto\*\*\**. Os nossos poetas que escolheram as crianças como destinatários privilegiados, não esqueceram que, em paralelo com a expressão, há uma imagem do mundo que vai ser interiorizada por elas e integrada em termos muito impressionantes; daí a responsabilidade acrescida de quem escreve para os mais jovens. Folheando alguns livros de poesia dos autores citados, encontramos exemplos que ilustram o que acabei de afirmar. É pena que o seu encontro com as crianças que frequentam jardins de infância seja raro, por vezes até inexistente, e em sua substituição se dê às crianças versos sem qualquer interesse, o que vai deformar o gosto dos receptores precisamente porque a dimensão estética desses textos é nula.

É urgente a actualização, nesta área, dos professores do Pré-escolar e premente que a política de investimento no livro para crianças se altere substancialmente. Na verdade, sabendo nós o estatuto que o livro tem em numerosos lares portugueses, não podemos esperar que o contacto com a poesia se dê em casa; se os pais não lêem histórias aos filhos porque a programação televisiva é mais importante, é óbvio que a poesia dificilmente entrará nesse espaço. O meu natural optimismo leva-me a acreditar que será possível alterar este estado de coisas com muito trabalho dos formadores.

O diagnóstico que foi feito para o Pré-escolar tem muitos pontos de contacto com o Ensino Básico - 1º ciclo. Também aqui há professores que, não gostando de poesia, dificilmente conseguirão conquistar para esse território os alunos. Não pretendo retomar as considerações já feitas atrás relativamente ao problema da formação estética dos docentes; uma coisa é certa: o bom gosto educa-se e, deontologicamente, é inaceitável a cristalização consciente e voluntária dos profissionais que mais responsabilidades têm, dada a idade e a fase de maturação dos seus alunos. A biblioteca escolar tem de ser explorada e animada ao máximo,

\* Jean-Paul Gourevitch, *op. cit.*, p.17.

\*\* Gaston Bachelard, *La poétique de la rêverie*, Paris, P.U.F., 1986, p.16.

\*\*\* Mikel Dufrenne, *op. cit.*, p.130.

sob pena de se tornar um espaço inerte e moribundo. Aí terá de haver livros de poesia de autores portugueses para visitarem com regularidade a sala de aula; a sua presença neste espaço não pode confundir-se com meros materiais de aprendizagem da leitura e da escrita, nem os livros podem ser meros pretextos para outras abordagens, sejam elas do meio físico e social ou da matemática. Os textos literários valem por si e exigem o respeito a que têm direito. A propósito do conto para crianças - e podemos alargar a questão à poesia - clamava, já em 1984, Juan Cervera, ilustre professor da Universidade de Bilbao, que *Se a partir de um determinado conto, podemos ensinar umas quantas noções de língua, seguidas de outras tantas de cálculo, mais outras da área social, para completar o mostruário com outras de moral ou religião, o que estamos fazendo é desprestigiar o próprio conto que indubitavelmente não contém nada disso, a não ser de forma absolutamente secundária\**.

*Mutatis mutandis* para a poesia, concluo eu.

Por outro lado, a poesia não pode ser vista somente em termos de declamação, sobretudo em datas especiais. Todos sabemos que a declamação, se teve a qualidade de levar as crianças a memorizar os textos poéticos, contribuiu, por outro lado, negativamente, para a interiorização da poesia e adulterou a relação afectiva que o jovem leitor, com frequência, estabelece com os poemas de que gosta. A declamação pela declamação não será o caminho adequado à construção do eu poético da criança; pode, no entanto, se for uma escolha por si feita, resultante dos laços estabelecidos com o poema, constituir um elemento catalisador dessa construção e um factor de contágio dos seus companheiros.

Têm sido editadas entre nós algumas antologias de poemas que apresentam interessantes critérios de selecção; aí, pais ou professores encontram matéria-prima vasta que abarca não só poemas escritos especialmente para os jovens leitores como outros que, não tendo de início essa especificidade, são facilmente recebidos por eles. Há poemas da lírica trovadoresca, de Camões ou de Fernando Pessoa que podem ser perfeitamente descodificados pelo jovem leitor. Ignorar a existência destas antologias é um facto mais frequente do que seria de esperar; quando as descobrem, os professores exploram numerosos poemas, o que é gratificante reconhecer. E o efeito de multiplicação começa a verificar-se. Por isso, continuo a pensar de forma optimista quanto ao futuro da poesia junto da criança: tudo se resume a um *aprender a gostar*.

Folheando as selectas adoptadas em várias escolas do 1º ciclo, verifico que a poesia ocupa uma percentagem variável: de 16% a 38% (sublinho que são percentagens aleatórias, dado o reduzido corpus analisado). O critério de escolha é que se me apresenta altamente discutível, embora tenha de respeitar o princípio de que um livro escolar desta natureza obedece a juízos subjectivos da exclusiva responsabilidade

\* Juan Cervera, *Teoria de la Literatura Infantil*, Bilbao, Mensajero, 1991, p.15.

dos autores. O meu cepticismo acentua-se quando constato que os autores caem na tentação narcísica de incluir vários textos seus (que, noutras circunstâncias nunca seriam publicados) e inseridos de acordo com motivações temáticas. É interessante notar que selectas elaboradas por escritores consagrados e onde se notava um rigoroso critério na escolha dos textos tiveram insucesso comercial. Não tenho qualquer dúvida em afirmar que a escolha dos livros escolares acarreta uma responsabilidade muito grande para os professores; é, pois, urgente que, mesmo que o docente não aprecie poesia, as selectas, ao serem escolhidas, incluam numerosos textos dos nossos poetas consagrados. O risco é grande, pois o surto de música *pimba* a que se assiste hoje mostra claramente como a dimensão estética do texto tem sido posta de lado e o mau gosto campeia sem qualquer travão em muitos lares deste país.

Serão de remeter todas as responsabilidades (recuso a palavra culpa) à Escola no que respeita ao encontro com a poesia? Pertencerá à Escola a construção do eu poético da criança? Creio que somos todos responsáveis, porque estamos essencialmente perante um problema cultural e é aí que reside a solução desejada. A sociedade e os microcosmos que são a escola e a família não podem demitir-se das obrigações inerentes à formação das novas gerações. Se acharmos que a poesia é um dos valores da vida da criança, do adolescente e por consequência das mulheres e homens será preciso reconhecer que a ausência total da poesia os condenará a mergulharem cada vez mais no tédio, na melancolia contemporânea que está na origem de tantas depressões profundas e de demasiados desvios para os territórios dos "paraísos artificiais"\*, como agudamente notou Georges Jean, na sua obra *À l'école de la poésie*, recentemente traduzida e editada em Portugal. Estou certo que a leitura desta obra e as reflexões a que dará lugar poderão alterar as práticas dos docentes com flagrantes frutos na construção do eu poético da criança.

Ao longo deste artigo tentei valorizar os aspectos que, em minha opinião, são decisivos para a fruição poética por parte das crianças, sublinhando a importância da poesia tradicional e da poesia dos bons poetas de língua portuguesa. As numerosas situações impeditivas da concretização destes desígnios não podem ser tomadas como práticas generalizadas, porque isso seria o reconhecimento de incompetência dos docentes dos vários níveis de ensino, atitude que recuso categoricamente. Há bons profissionais que lutam contra a rotina e o marasmo, criando múltiplas situações extremamente enriquecedoras para os seus alunos. Não sou capaz de dar soluções milagrosas, vulgo receitas; continuo, no entanto, a crer que não há boa prática pedagógica que dispense uma sólida formação teórica e científica. Deixo um repto a todos os docentes, mas muito em especial aos do Pré-escolar e do 1º ciclo. Ampliem o espaço dado na vossa prática pedagógica à poesia; sejam exigentes

\* Georges Jean, *À l'école de la poésie*, Paris, Retz, 1989, p.13 / (cf. Georges Jean, *Na Escola da Poesia*, Lisboa, Instituto Piaget, 1996).



na escolha dos textos que serão a matéria-prima do vosso trabalho; recusem tudo aquilo que possa levar os vossos alunos a preferir o kitsch pela simples razão de desconhecerem o esteticamente válido. E porque não um "banho diário" de poesia para começar o dia escolar?

Dói-me ver que crianças em início de escolaridade são guindadas ao estrelato do nosso meio musical pela interpretação de textos, ditos poéticos (será Quim Barreiros um poeta?), de uma incrível, inaceitável e vergonhosa brejeirice para gáudio de paizinhos que, tragicamente, cultivam valores similares. Têm de ser os professores, desde o Pré-escolar, a remar contra esta maré obscurantista que leva à degradação da sensibilidade estética e à perda definitiva do gosto pela poesia. É um combate demorado e muito difícil; mas não será o professor aquele que luta desinteressadamente pelos valores humanistas, na permanente certeza de que vale a pena esse esforço porque se trata de uma causa nobre?

Os anos de vida profissional vão pesando, não no sentido do sofrimento, mas no da consciência de verificar que ainda não deixei de aprender a ler. Luto para que os meus alunos, ao singrarem na actividade docente, tenham sempre presente a importância da literatura infantil e escolham a poesia como a sua arma decisiva na batalha da construção do humanismo dos seus discentes. Só assim realizaremos a *transformação eufémica do mundo*, para utilizar uma feliz expressão de Gilbert Durand. Gostaria de concluir esta reflexão sobre a construção do eu poético com as palavras com que Georges Jean - meu Mestre e meu Amigo - termina um dos seus últimos livros:

*(...) a poesia desde a infância, na escola, pode ajudar, não somente a viver, mas a sobreviver, e a acreditar que o futuro existe, apesar de tudo, apesar de tudo\*.*

\* Georges Jean, *La poésie, les enfants, l'école*, Paris, Sedrap, 1995, p.113.